

JOE HILL

O PACTO



SEXTANTE
FICÇÃO

Para Leanora – com amor, sempre.

Satã é um de nós. Muito mais do que Adão e Eva.

– MICHAEL CHABON, “ON DAEMONS & DUST” (SOBRE DEMÔNIOS E PÓ)

INFERNO

CAPÍTULO 1

Ignatius Martin Perrish passou a noite bêbado, fazendo coisas horríveis. Acordou na manhã seguinte com dor de cabeça, levou as mãos às têmporas e sentiu algo estranho, um par de protuberâncias pontiagudas. Estava tão enjoado – sentia-se fraco e seus olhos lacrimejavam por causa da luz – que, a princípio, não deu atenção a isso. A ressaca não lhe permitia pensar nem se preocupar.

Porém, enquanto cambaleava diante da privada, olhou de relance para seu reflexo no espelho acima da pia e viu que tinha criado chifres durante a noite. O susto foi tão grande que o fez recuar e, pela segunda vez em 12 horas, mijou nos próprios pés.

CAPÍTULO 2

Ele enfiou de novo a bermuda cáqui – ainda estava com as mesmas roupas que usara no dia anterior – e se debruçou sobre a pia para olhar melhor.

Em matéria de chifres não eram lá grande coisa. Tinham mais ou menos o tamanho de seu dedo anular, eram grossos na base e, à medida que faziam uma curva para cima, se afinavam até formar uma ponta. Os chifres estavam cobertos por uma pele muito pálida, com exceção das extremidades pontiagudas, que eram de um vermelho intenso e feio, como se estivessem prestes a romper a carne. Tocou um deles e percebeu que a ponta estava sensível, ligeiramente dolorida. Correu os dedos ao longo de cada um dos chifres, sentindo a densidade do osso por baixo da pele lisa e esticada.

A primeira coisa em que pensou foi que, de algum modo, ele mesmo tinha causado aquela aflição para si. Na noite anterior, já bem tarde, entrara pela mata

atrás da velha fundição até o local onde Merrin Williams havia sido morta. As pessoas tinham deixado lembranças em uma cerejeira doente e sombria, cujo tronco descascado deixava o cerne à mostra. Merrin fora encontrada assim, com as roupas rasgadas deixando a carne à mostra. Havia fotos dela delicadamente dispostas nos galhos, um vaso de flores de salgueiro-gato, cartões Hallmark retorcidos e manchados pela exposição ao tempo. Alguém – provavelmente a mãe de Merrin – tinha deixado grampeada no tronco da árvore uma cruz de rosas amarelas de náilon e uma Virgem de plástico que sorria com a beatitude idiota dos retardados.

Ig não suportava aquele sorriso afetado. Tampouco suportava a cruz, afixada ao local onde Merrin sangrara até morrer em decorrência de traumatismo craniano. Uma cruz de rosas amarelas. Puta que pariu! Era como uma cadeira elétrica com almofadas de estampa florida: uma piada de mau gosto. Ele ficou incomodado por alguém querer levar Cristo até ali. Cristo estava um ano atrasado para fazer algum bem; não esteve por perto quando Merrin precisou d’Ele.

Ig arrancou a cruz do tronco, jogou-a no chão e a pisoteou. Precisava mijar. Fez isso mirando na Virgem e, bêbado, acabou acertando os próprios pés. Talvez isso tivesse sido blasfêmia suficiente para causar aquela transformação. Mas não – ele sentia que havia mais alguma coisa. Não conseguia lembrar o quê. Tinha bebido demais.

Virou a cabeça para um lado e para o outro, estudando-se no espelho, tocando os chifres repetidamente. A que profundidade chegava o osso? Será que havia raízes que se infiltravam até o cérebro? Quando pensou nisso, o banheiro escureceu, como se a lâmpada no teto tivesse piscado por um momento. No entanto, a escuridão estava em seus olhos, em sua cabeça, não nas lâmpadas. Ele agarrou a pia e esperou a fraqueza passar.

Então se deu conta. Iria morrer. Claro que iria morrer. Alguma coisa estava mesmo pressionando seu cérebro: um tumor. Os chifres não estavam ali de verdade. Eram metafóricos, frutos de sua imaginação. Ele tinha um tumor comendo seu cérebro e fazendo com que ele visse coisas. E, se já chegara a esse ponto, provavelmente era tarde demais para ser salvo.

A ideia de que iria morrer trouxe uma onda de alívio, uma sensação física, como a de subir para respirar depois de ficar submerso por muito tempo. Ig quase se afogou uma vez e, na infância, sofrera de asma. Para ele, contentamento era simplesmente ser capaz de respirar.

– Estou doente – suspirou. – Estou morrendo.

Dizer isso em voz alta melhorou seu humor.

Olhou-se no espelho com atenção, esperando que, agora que sabia tratar-se

de uma alucinação, os chifres desaparecessem, mas não deu certo. Eles continuavam ali. Ig puxou freneticamente os cabelos, tentando esconder os chifres pelo menos até chegar ao médico, mas desistiu ao se dar conta de que era tolice tentar esconder algo que ninguém além dele podia ver.

Caminhou até o quarto com as pernas bambas. A roupa de cama estava desarrumada de ambos os lados e o lençol de baixo ainda exibia a forma amarrutada das curvas de Glenna Nicholson. Ele não se lembrava de ter se deitado ao lado dela, tampouco de ter chegado em casa – mais uma parte da noite que estava faltando. Até então, ele acreditava que tinha dormido sozinho e que Glenna havia passado a noite em outro lugar. Com *outra* pessoa.

Eles saíram juntos na noite anterior, mas, depois de beber um pouco, Ig tinha começado a pensar em Merrin, com o aniversário da morte dela se aproximando. Quanto mais bebia, mais sentia sua falta – e mais percebia quão pouco Glenna se parecia com ela. Com suas tatuagens, suas unhas postiças, sua estante cheia de livros de terror, seus cigarros e sua ficha criminal, Glenna era o oposto de Merrin. Vê-la sentada do outro lado da mesa irritava Ig. Estar com ela parecia traição, embora não soubesse se estava traindo Merrin ou a si mesmo. Finalmente ele teve de fugir – Glenna insistia em acariciar os nós de seus dedos, um gesto que deveria ser carinhoso, mas que, por alguma razão, o enfurecia. Ele foi ao banheiro e se escondeu lá durante 20 minutos. Quando voltou, encontrou a mesa vazia. Sentou-se e bebeu por uma hora até se dar conta de que ela não voltaria e de que não estava chateado por isso. Porém, em algum momento da noite, tinham acabado ali, na mesma cama que vinham dividindo havia três meses.

Ouviu o ruído distante da televisão na sala ao lado. Glenna ainda estava em casa, não tinha ido para o salão. Ele lhe pediria uma carona até o médico. A breve sensação de alívio ante a ideia da morte tinha passado e ele já temia os dias e semanas que estavam por vir: o pai lutando para não chorar, a mãe demonstrando uma falsa alegria, soro, tratamentos, radiação, vômitos inevitáveis, comida de hospital.

Ig se arrastou até a sala adjacente, onde Glenna estava sentada no sofá, vestindo calças de pijama desbotadas e uma camiseta regata do Guns N' Roses, debruçada para a frente, os cotovelos apoiados na bandeja de café da manhã, enfiando na boca o último pedaço de um donut. À sua frente estavam a caixa de doces comprada no supermercado três dias antes e uma garrafa de dois litros de Coca Zero. Estava assistindo a um programa de entrevistas.

Ela o ouviu chegar e olhou em sua direção, as pálpebras abaixadas, um olhar de desaprovação, depois se voltou outra vez para a TV. “Meu melhor amigo é um psicopata” era o tema do dia. Dois fazendeiros gordos estavam prestes a se agredir.

Ela não notou os chifres.

– Acho que estou doente – disse ele.

– Não enche o saco – retrucou ela. – Também estou de ressaca.

– Não, quero dizer... Olhe para mim. Pareço bem? – perguntou Ig, pois precisava ter certeza.

Ela virou lentamente a cabeça na direção dele e deu uma espiada com os olhos semicerrados. Os cílios ainda estavam cheios de rímel da noite anterior, um pouco borrado. Glenna tinha um rosto liso e agradavelmente arredondado, e um corpo macio e agradavelmente arredondado. Poderia até ter sido modelo, desde que fosse para moda *plus size*. Pesava uns 25 quilos a mais que Ig. Não que fosse grotescamente gorda, ele que era absurdamente magro. Ela gostava de transar ficando por cima e, quando se apoiava no peito dele, o deixava sem ar, um ato impensado de asfixia erótica. Ig, que com frequência precisava lutar para respirar, conhecia todas as pessoas famosas que morreram de asfixia erótica. Era um fim surpreendentemente comum entre músicos. Kevin Gilbert. Hideto Matsumoto, provavelmente. Michael Hutchence, sem dúvida. Hutchence não era alguém em quem ele quisesse pensar naquele momento, por causa de sua música “The Devil Inside” – “o demônio interior, cada um de nós”, dizia a letra.

– Ainda está bêbado? – perguntou Glenna.

Como ele não respondeu, ela balançou a cabeça e olhou de volta para a televisão.

Era isso, então. Se ela os tivesse visto, teria se levantado aos berros. Mas não podia vê-los porque não estavam ali. Só existiam na imaginação de Ig. Provavelmente, se ele se olhasse num espelho, também não os veria. Porém, ao dar de cara com seu reflexo na janela – vítreo, transparente, um fantasma demoníaco –, os chifres ainda estavam lá.

– Acho que preciso ir ao médico – disse ele.

– Sabe do que *eu* preciso? – perguntou ela.

– De quê?

– De outro donut – respondeu Glenna, inclinando-se para olhar dentro da caixa aberta. – Você acha que devo?

Ele respondeu com um tom indiferente que quase não reconheceu:

– Por que não?

– Já comi um e não estou mais com fome, só com vontade de comer outro.
– Ela levantou a cabeça para encará-lo, os olhos brilhando de tal modo que, de repente, pareciam tanto assustados quanto suplicantes. – Queria comer a caixa inteira.

– A caixa inteira – repetiu ele.

– Nem quero usar as mãos. Quero cair de boca. Sei que é nojento. – Ela mo-
via o dedo de um donut para outro, contando. – Seis. Você acha que tudo bem
se eu comer mais seis donuts?

Era difícil pensar em outra coisa além de sua própria preocupação, da pressão
e do peso em suas têmporas. O que ela tinha acabado de dizer não fazia sentido,
era só mais uma parte daquela estranha manhã de pesadelos.

– Se você estiver me sacaneando, é melhor parar. Já falei que não estou me
sentindo bem.

– Quero outro donut – disse ela.

– Vai em frente. Eu não me importo.

– Tudo bem. Se você acha que não tem problema...

Ela pegou um donut, partiu em três pedaços e começou a enfiá-los na boca,
um atrás do outro, sem engolir nenhum.

Logo estava com todo o doce na boca e com as bochechas estufadas. Engas-
gou de leve, depois respirou fundo e começou a engolir.

Ig ficou olhando, com nojo. Nunca vira Glenna fazer algo assim, não via nada
parecido desde os tempos do ensino médio, quando os garotos faziam coisas
nojentas para provocar uns aos outros no refeitório. Quando terminou de co-
mer, ela estava ofegante. Respirou algumas vezes para recuperar o fôlego e de-
pois olhou para ele por sobre o ombro, um tanto aflita.

– Nem estava gostoso. Meu estômago está doendo. Você acha que devo co-
mer outro?

– Por que comer outro se o seu estômago já está doendo?

– Porque quero ficar gorda de verdade. Não como agora. Mas o bastante para
você não querer mais nada comigo.

Ela botou a língua para fora, a ponta tocando o lábio superior. Um gesto pen-
sativo, como se estivesse ponderando.

– Eu fiz uma coisa horrível ontem à noite. Quero te contar – acrescentou.

Mais uma vez Ig pensou que nada daquilo era real. Porém, se estava tendo
algum tipo de alucinação febril, era persistente. Convincente nos mínimos de-
talhes. Uma mosca andava pela tela da TV. Um carro passou pela rua, com um
ruído baixo. A um momento seguia-se naturalmente outro, somando-se à reali-
dade. Ig era bom em soma. Matemática tinha sido seu forte na escola, depois de
ética, que para ele não contava como uma matéria de verdade.

– Acho que não quero saber o que você fez ontem à noite.

– É por isso que quero contar. Para deixá-lo com nojo. Para te dar um motivo
para me largar. Eu me sinto péssima com relação ao que você tem passado e ao
que as pessoas falam de você, mas já não suporto acordar do seu lado. Só quero

que você vá embora e, se eu contar a coisa nojenta que fiz, isso vai acontecer e vou ser livre novamente.

– O que as pessoas falam de mim?

Foi uma pergunta estúpida. Ele já sabia.

Ela deu de ombros.

– O que você fez com a Merrin. Como você parece um pervertido sexual, coisas assim.

Ig a encarou, transfigurado. Cada coisa que ela dizia era pior do que a anterior. Isso e o fato de ela estar à vontade ao falar tudo aquilo o deixavam fascinado. Sem vergonha nem embaraço.

– Afinal o que você queria me dizer?

– Encontrei Lee Tourneau ontem à noite, depois que você sumiu. Lembra que rolava uma coisa entre a gente no ensino médio?

– Lembro.

Lee e Ig tinham sido amigos em outra vida, mas agora tudo aquilo ficara para trás, morrera com Merrin. É difícil manter amizades íntimas quando se é suspeito de ser um assassino e esturador.

– Ontem à noite ele estava lá no bar e, depois que você desapareceu, me pagou uma bebida. Eu não falava com Lee há séculos. Tinha me esquecido de como ele é bom de papo. Você conhece o Lee. Ele não banca o superior com ninguém. Foi muito legal comigo. Você estava demorando a voltar, então ele disse que deveríamos procurá-lo no estacionamento e que, se você tivesse ido embora, ele me daria uma carona para casa. Mas, quando chegamos lá, começamos a nos beijar de um jeito bem quente, como nos velhos tempos, quando estávamos juntos. Me empolguei e paguei um boquete para ele ali mesmo, com uns carinhas olhando e tudo. Eu não fazia nada tão maluco desde que tinha uns 19 anos e me enchia de anfetaminas.

Ig precisava de ajuda. Tinha que sair do apartamento. O ar estava pesado e ele sentia os pulmões pressionados.

Glenna voltou a se debruçar sobre a caixa de donuts, a expressão plácida, como se tivesse acabado de contar algo sem importância: que o leite tinha acabado ou que estavam sem água quente de novo.

– Tudo bem se eu comer mais um? Meu estômago já está melhor.

– Como quiser.

Ela virou a cabeça e o encarou. Seus olhos pálidos brilhavam com uma excitação estranha.

– Sério?

– Não ligo a mínima – disse ele. – Por mim, você pode comer até explodir.